Psicanálise na praça: a escuta além do divã

Autor(res)

Suely Pereira De Faria
Jorge Aparecido Cordeiro De Lima

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE PITÁGORAS DE GOIÂNIA

Introdução

Em sua ancestralidade, nossa comunidade é indígena; no entanto, a sobreposição de culturas resultou no amplo esquecimento dessas origens, restando quase na totalidade apenas as percepções da realidade observadas e interpretadas pela cultura oriunda das oligarquias agrárias. Um exemplo notável desse fenômeno é o atual governador de Goiás, Ronaldo Caiado, que pertence à última família oligárquica com considerável influência política na história nacional desde a Velha República.

O contexto apresentado no parágrafo anterior sempre esteve presente em nossa comunidade, embora com uma aparência de inércia. Contudo, após as eleições gerais de 2018, com o retorno da família Caiado ao comando do estado e a ascensão de Jair Bolsonaro ao Planalto, tudo foi despertado e, como em um passe de mágica, retornamos aos séculos passados. Esse movimento abrupto em direção ao passado silenciou vozes e reduziu os espaços, na esfera pública, destinados ao diálogo e ao debate de ideias.

Foi neste momento histórico, que lançou sombra sobre as palavras e a escuta, que surgiu a ideia de ampliar o espaço de escuta na comunidade local (na cidade de Goiânia) – e, em praça pública – o Projeto Psicanálise na Praça. A proposta não é a análise em si, mas um convite constante à escuta, além de uma mensagem profunda à comunidade: é possível desenvolver uma vida menos violenta, onde modos de vida diversos possam coexistir de forma dialógica.

O Projeto Psicanálise na Praça funciona como um laboratório social da escuta, com a leitura das imagens, discursos e silêncios do cotidiano, visando ampliar as práticas psicanalíticas para além do divã e das suas sessões em consultório.

Objetivo

Criar na comunidade de Goiânia um espaço público seguro para a escuta psicanalítica;
Ampliar o acesso à saúde mental de forma permanente e gratuita;
Reduzir os estigmas associados à busca por ajuda profissional em saúde mental;
Ser referência em saúde mental gratuita na comunidade de Goiânia, Goiás.

Material e Métodos

Utilizou-se a técnica de entrevistas em profundidade, amplamente reconhecida na pesquisa qualitativa, para o cumprimento integral dos objetivos estabelecidos neste estudo. Assim, foram conduzidas diversas entrevistas minuciosas com eleitores e eleitoras do ex-presidente Jair Bolsonaro. Estas entrevistas se destacaram pela riqueza de informações e detalhes de relevância, com o intuito de medir com precisão a possível influência das imagens no processo de tomada de decisão do voto e em comportamentos cotidianos — um aspecto de suma importância no contexto social atual.

Ao considerar essa abordagem metodológica, foi possível analisar de maneira aprofundada e abrangente as percepções, sentimentos, crenças e opiniões dos participantes selecionados, permitindo uma compreensão mais completa e contextualizada do fenômeno pesquisado: a Alfabetização Visual. Através dessa abordagem, exploramos os sentidos que permeiam a relação entre as imagens da cena política, a decisão do voto e os comportamentos fora dela, fornecendo uma visão abrangente e aprofundada sobre o tema.

Todos os dados obtidos foram cuidadosamente analisados e interpretados com rigor e imparcialidade, independentemente do momento político vivido. Os resultados apresentados neste estudo objetivam fortalecer a democracia e seus processos. Dessa forma, a utilização do método de entrevista em profundidade mostrou-se fundamental para alcançar os objetivos propostos e contribuir significativamente para o avanço do conhecimento nesse campo de estudo, em especial na Cultura Visual, Antropologia Política e Psicanálise Social.

Resultados e Discussão

O projeto Psicanálise na Praça constitui uma iniciativa social, voluntária e sem fins lucrativos, cuja finalidade é estabelecer espaços de escuta na cidade de Goiânia, Goiás. Nesta apresentação de resultados e discussões, exporemos as principais ideias e testemunhos; os nomes são fictícios para resguardar a identidade dos pacientes e demais indivíduos que colaboram com a iniciativa.

Os encontros acontecem a cada quinze dias em praça pública, situada em um dos setores que mais se desenvolvem em termos urbanos, e assim a proposta é avançar além do crescimento econômico, criando na comunidade um ponto de envolvimento, de trocas, de encontros. Pois, embora existam grandes muros e edifícios luxuosos, em determinados momentos esses espaços se tornam armários trancafiados de solidão e medo; medo do relacionamento, do encontro e, sobretudo, do inesperado nas relações não planejadas ou do contato com pessoas desconhecidas.

A Psicanálise na Praça constitui um momento nas manhãs de sábado destinado à geração de esperança. Ademais, pode-se vislumbrar a possibilidade de desconectar indivíduos de dispositivos eletrônicos e restabelecer a conexão com a humanidade que tem se dissipado entre o questionamento “tem wi-fi?” e o silêncio da interação com uma infinidade de opções impessoais em uma tela brilhante. Dessa forma, a Psicanálise na Praça procura estabelecer novas possibilidades para uma vida significativa, que não se fundamenta no vazio do silêncio de nossas telas, mas nas relações que conseguimos construir ou expandir através da interação face a face.

A maioria dos pacientes envolvidos no projeto Psicanálise na Praça é composta por mulheres que buscam o autoconhecimento e a libertação da culpa por não haver compreendido relações amorosas desfeitas no passado, bem como por aquelas que se esforçam para entender o vazio que resulta de terem atingido um status social de sucesso, acompanhado de consequente isolamento e solidão. Elas expressam uma necessidade urgente por um

maior diálogo e escuta, visando uma vida mais feliz, porém, essa busca tem sido continuamente ameaçada por opiniões políticas, religiosas e pelo machismo agrário ainda presentes em nossa comunidade.

O relato da paciente Ângela de Freitas revela essa preocupação: “hoje sou uma mulher com quarenta anos que tem independência financeira, viajo sempre, tenho minha casa, carro e sou uma pessoa de sucesso, mas com isso me isolei e não consigo um relacionamento e, inclusive, os relacionamentos de amizades também ficam ameaçados; as pessoas aqui, em geral, querem que as mulheres sejam donas de casa. Ter um espaço para a gente compreender que não está errada é muito bom, parabéns pelo trabalho”.

A ideia central do projeto é ampliar espaços de escuta na cidade de Goiânia e, após observar centenas de relatos das pacientes em mais de uma década de atuação, constatamos que é urgente esse movimento para dissolver índices de violência contra as mulheres: política, de gênero, policial, no trânsito e todas as imagens e discursos de ódio que têm circulado em ambientes virtuais: “Depois das eleições de presidente e do governador de Goiás, vimos um aumento absurdo da violência e de pessoas resolvendo as coisas no grito, no soco e matando as pessoas”, comentou uma paciente, professora, moradora do Setor Marista, Goiânia.

A nossa hipótese para uma educação da escuta apresentou resultados conforme o período dos pacientes para essa “pedagogia da subjetividade”. Acreditamos que um processo prolongado, por meio da proposta de constituição de um laboratório social da escuta, pode gerar consequências significativas para o futuro da escuta em nossa comunidade. Ao incrementar a “inteligência auditiva”, é possível expandir a compreensão das imagens e discursos, que têm uma influência relevante nas discussões do cotidiano.

Conclusão

Em um mundo onde a vida é cada vez mais mediada por imagens e discursos, a Alfabetização da Escuta não é apenas uma habilidade desejável, mas uma necessidade. O Laboratório Social da Escuta oferece uma plataforma para explorar e desafiar as representações visuais e discursivas dominantes que moldam a compreensão do mundo contemporâneo. Ao fomentar uma cultura de análise crítica e reflexiva das imagens e discursos, podemos esperar por uma sociedade mais informada e engajada, capaz de promover mais acolhimento para si e para os outros.

Referências

BROIDE, Jorge. A clínica psicanalítica na cidade (2020). Disponível em: https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/arquivos_comunicacao/A%20clinica%20psicanalitica%20na%20cidade.pdf. Acesso em 15 set. 2025.

BROIDE, Jorge; BROIDE, Emília Estivalet. A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções. 3ª ed. São Paulo: Escuta, 2016.

CATALÀ Domènech, J. M. A forma do real. Introdução aos estudos visuais. São Paulo: Summus, 2013.

DIDI-HUBERMAN, G. Quando as imagens tocam o real. Revista Pós. Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, v. 2, n. 4, 2012.

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

DONDIS, D. A sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HERNANDEZ, F. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MITCHELL, W.J.T. Mostrar o ver: uma crítica à cultura visual. Interin, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2006. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id =504450754009. Acesso em: agosto. 2025.

TORQUATO, Luciana Cavalcante. História da Psicanálise no Brasil: enlaces entre o discurso freudiano e o projeto nacional. Revista de teoria da história, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 47–77, 2015. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/39248. Acesso em: 06 julho. 2025.